

## Entrevista com Cornelius Holtorf

### Interview with Cornelius Holtorf

Enviado em: 02/09/2019

Aceito em: 14/07/2020

Rita Juliana S. Poloni<sup>1</sup>

Pedro Paulo A. Funari<sup>2</sup>

#### **Resumo:**

A presente entrevista, aqui apresentada em versão bilingue, tem como objetivo principal dar a conhecer, principalmente para os jovens pesquisadores, o trabalho de Cornelius Holtorf, arqueólogo importante no cenário internacional, e também algumas perspectivas inovadoras de estudos patrimoniais com que o autor vem trabalhando ao longo de sua carreira. Esperamos que a entrevista sirva para incentivar novas pesquisas em contexto brasileiro e latino-americano e para gerar reflexões importantes sobre o futuro do patrimônio nacional..

**Palavras-chave:** Patrimônio; Arqueologia; Futuros.

#### **Abstract:**

The present interview, presented here in a bilingual version, has as main objective to make known, mainly for young researchers, the work of Cornelius Holtorf, an important archaeologist in the

---

<sup>1</sup> Rita Juliana Poloni é bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003), é mestre em Teorias e Métodos da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2007), pós-graduada em Antropologia Cultural pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2011), doutorada em História da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2012), e Pós-doutorada em Arqueologia pela UNICAMP (2015). Atualmente realiza pesquisa pós-doutoral no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Suas áreas de interesse incluem Ciência Colonial, Ciência e Fascismos, Nacionalismos, Etnogenealogias, Etnoarqueologia, Patrimônio, Ditaduras e Memórias traumáticas, tanto no contexto brasileiro, quanto português. E-mail: julianapoloni@hotmail.com

<sup>2</sup> Pedro Paulo A. Funari é bacharel em História (1981), mestre em Antropologia Social (1986), doutor em Arqueologia (1990), pela USP, livre-docente em História (1996) e Professor Titular (2004 Unicamp). Na Unicamp, foi Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (2007/09) e do Nepam (2014/16), representante do IFCH na CADI (2005-2009) e dos titulares no DH (2015/6), membro da CAI/Consu (2009), Assessor do Gabinete do Reitor e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp (2009-2013), apresentador do programa da RTV Unicamp "Diálogo sem fronteira" (2011/6), com mais de 220 entrevistas. Tem experiência na área de História e Arqueologia, ênfase em História Antiga e Arqueologia Histórica, além de Latim, Grego, Cultura Judaica, Cristianismo, Religiosidades, Ambiente e Sociedade, Estudos Estratégicos, Turismo, Patrimônio, Relações de Gênero, Estudos Avançados. E-mail: ppfunari@uol.com.br

international scenario, and also some innovative perspectives of heritage studies with which the author has been working throughout their career. We hope that the interview will serve to encourage new research in the Brazilian and Latin American context and to generate important reflections on the future of national heritage.

**Keywords:** Heritage; Archaeology; Futures.

## **Holtorf e os futuros do Patrimônio**

Nascido em 24 de Janeiro de 1968, o arqueólogo Cornelius Holtorf é especialista em arqueologia pré-histórica, antropologia social e antropologia física, tendo trabalhado em pesquisa e ensino na Universidade de Gotemburgo (1998-9), na Universidade de Cambridge (1999-2002), no Conselho Nacional do Patrimônio Sueco em Estocolmo (2002-4) e na Universidade de Lund (2005-8). Desde 2008 trabalha em Kalmar, Suécia, onde atualmente é professor de Arqueologia. Em 2017, foi nomeado presidente da cadeira da UNESCO em Heritage Futures na Universidade de Linnaeus.

Heritage futures é um programa de pesquisa quadrienal (2015-2019), implementado pelo Conselho de Pesquisa em Artes e Humanidades do Reino Unido, com apoio de outras universidades e instituições, que se centra em quatro temas gerais de pesquisa com objetivo de debater os desafios para o futuro do patrimônio. Tais temas, denominados incerteza, transformação, profusão e diversidade, buscam abordar questões como o gerenciamento de projetos de conservação com vistas a um futuro distante, a relação entre valores e possíveis transformações paisagísticas e patrimoniais, o que pessoas e instituições decidem guardar no contexto das sociedades de produção e consumo de massa contemporâneas, e quais categorias são utilizadas para definir variedade biológica, cultural, linguística e genética e como tais campos científicos podem aprender uns com os outros, com vistas a aprofundar discussões e políticas patrimoniais.

Em um planeta dominado por problemas transdisciplinares, como mudanças climáticas e migrações em massa, torna-se cada vez mais necessário incentivar a busca de objetivos e de aprendizados comuns na discussão e na busca de possíveis soluções para esses problemas globais. Considerar práticas comuns de conservação e de preservação de bens tangíveis e

intangíveis possibilitará, nesse sentido, ampliar e aprofundar o conceito de patrimônio, buscando formas mais criativas e produtivas de vivencia-lo.

Nesse sentido, Holtorf alerta que no setor do patrimônio cultural global, grande ênfase é colocada em salvar o patrimônio cultural da destruição. No entanto, o autor acredita que devemos expandir essa perspectiva e criar uma melhor compreensão do papel do patrimônio em várias circunstâncias. É necessário perguntar por que esses objetos históricos devem ser preservados para o futuro e quais desafios sociais esse patrimônio pode ajudar as pessoas do futuro a resolver.

Aprofundando esse questionamento, Holtorf nos desafia a relativizar a concepção de que o patrimônio seria um bem em constante risco de extinção, contra a qual, nós, especialistas deveríamos lutar. Para tanto, recorda que, desde o século XIX, ao lado da crescente fetichização da inovação, a sociedade ocidental tem se tornado obcecada com a preservação do passado e de suas materialidades. Para qualificar essa obsessão com a preservação, Holtorf utiliza expressão “complexo de Noé” (CHOAY, 2001), a partir da qual se pode tecer crítica à expansão do corpus patrimonial a ser preservado, a partir da globalização dos valores ocidentais, da qual o poder da Unesco é representativo. Nesse sentido, o chamado “complexo de Noé” nos alerta para a ideia de que exemplares da cultura tangível e intangível de todas as culturas humanas deveriam ser preservados, e para as consequências em termos legais, científicos e econômicos que o desenvolvimento de uma indústria patrimonial em nível mundial têm causado ao próprio patrimônio: desumanização e desmobilização, mais do que engajamento e valorização cultural.

Em oposição a essa ideia, o pesquisador propõe discussões que possam admitir a convivência com a transformação humana constante do mundo e com o próprio processo de transformação que inevitavelmente segue afetando todo o patrimônio cultural e natural do planeta. Aceitar e registrar essa transformação deve ser o primeiro passo para pensar o patrimônio para o futuro. O patrimônio deve, então, ser visto como um processo e não como um legado acabado. Dessa forma, a questão deve ser menos quanto patrimônio de cada contexto sobreviverá ou não para o futuro, mas sim que legados construímos e deixamos para as gerações futuras, e como estes poderão de melhor maneira beneficiá-las. Nesse sentido, é necessário pensar até que ponto o paradigma preservacionista do patrimônio, e o seu subjacente conceito de risco, podem se constituir em um legado negativo, uma vez que

desconsidera que a atualização do patrimônio atua em consonância com mudanças históricas e culturais, que por sua vez constituem elemento vital da nossa própria humanidade.

Mas isso não quer dizer que pensar o patrimônio numa perspectiva de futuro deva implicar em um grau elevado de especulação. Pensar nos desenvolvimentos demográficos, tecnológicos, econômicos, sociais e ambientais para as próximas décadas, e pensar em estratégias de ação para diferentes cenários possíveis, pode ser suficiente para que estejamos mais preparados para lidar com desafios patrimoniais nos próximos anos.

Entre as questões que se deve levar em consideração nessas reflexões, está o fato de que a conservação patrimonial se constitui em uma das muitas formas através das quais o passado é evocado e ganha significado nas sociedades contemporâneas. Dessa forma, pensar no futuro do patrimônio implica pensar no potencial desses outros instrumentos de ativação memorial, ao lado da conservação ou da restauração de bens culturais.

Também é preciso admitir que, algumas vezes, o patrimônio destruído, ou em ruínas, pode ter uma grande força discursiva para a sociedade e que, portanto, nem todo o patrimônio arruinado deve ser restaurado. Ao mesmo tempo, a reconstrução, ou a reinvenção de determinados objetos patrimoniais, pode também trazer importantes benefícios para a sociedade, em algumas circunstâncias. Casos paradigmáticos, como o dos Budas de Bamiyan, ou a mais recente destruição de sítios patrimoniais na Síria, servem de importantes elementos para pensar tais questões. Acerca desses desafios Holtorf sugere, de forma desafiadora, que o papel da Unesco deve ser menos o de discutir o que as pessoas podem fazer para conquistarem os títulos de Patrimônio Mundial e mais de que forma a própria Unesco pode atuar com posicionamento crítico, de forma a dar suporte ao desenvolvimento patrimonial mediante as especificidades locais.

Acerca dessas questões, Holtorf nos provoca, a partir da entrevista abaixo, ao engajamento com o futuro do patrimônio e ao repensar de muitos dos paradigmas que têm se constituído como base para as políticas patrimoniais do presente. Esperamos que esta reflexão possa servir de inspiração para que pesquisadores brasileiros e latino-americanos possam lançar novas bases para o gerenciamento de nossos legados patrimoniais, com vistas ao seu melhor gerenciamento nos anos vindouros.

## **Entrevista**

**Pergunta:** Desde 2017, você foi nomeado Presidente da UNESCO sobre Futuros do Patrimônio na Universidade Linnaeus. Você tem estudado a relação do passado, presente e futuro, de uma maneira aparentemente contra-intuitiva. Historiadores, arqueólogos e estudiosos do patrimônio lidam com o significado subjetivo do tempo. Essa é uma questão levantada muitas vezes no passado, como atesta Agostinho no Gênesis e no Livro XI das Confissões, explorando a natureza do tempo. Agostinho escreve: “O que é então o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se eu quero explicar para um interlocutor, eu não sei”. O tempo é, portanto, um assunto muito difícil, em particular para aqueles que lidam com o patrimônio. Como alguém que estuda o tema, quais são seus pensamentos sobre o assunto?

**Resposta:** A Cadeira da UNESCO sobre Futuros do Patrimônio não trata realmente de tempo e temporalidade, como tal, e mais de questões bastante pragmáticas. Estamos perguntando como os arqueólogos e as administrações do patrimônio funcionam no presente e contribuem para a criação de futuro, enquanto antecipam o que vai acontecer no futuro. Os futuros do patrimônio referem-se ao papel do patrimônio na gestão das relações entre as sociedades presentes e futuras, por exemplo através da antecipação e do planejamento. Estamos fazendo perguntas tais como:

- Para quais gerações futuras os arqueólogos e profissionais do patrimônio realmente trabalham?
- Como percebemos esse futuro? Qual herança beneficiará as pessoas então (e por que)?
- Como podemos construir capacidade de pensar no futuro (educação para o futuro) entre profissionais do patrimônio mundial?

**Pergunta:** Patrimônio, memória, passado, todos esses assuntos se referem ao que aconteceu na história, para citar Gordon Childe e sua obra-prima clássica. Arqueólogos treinados para descobrir o passado enfrentam o desafio de narrar um passado imaginado. Como essa nova situação desafia os cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia?

**Resposta:** O passado se foi e nossos relatos do passado, ou seja, nossas histórias, são sempre um produto da imaginação. Isso não significa, porém, que o passado que imaginamos não estivesse vinculado a evidências empíricas ou que não teria consequências reais no

mundo contemporâneo. É muito importante ensinar aos nossos alunos em todos os níveis, não apenas métodos e abordagens científicas, mas também habilidades em pensamento criativo, comunicação, política e ética.

**Pergunta:** Os seres humanos geralmente tomam objetos como fetiche. Karl Marx mencionou isso no século XIX e, nas últimas décadas, esse processo alcançou novas esferas. O mundo virtual pode contribuir para a aura (em consonância com Walter Benjamin) de objetos materiais reais. Como os arqueólogos e administradores do patrimônio podem lidar com isso?

**Resposta:** É interessante que você diga que o mundo virtual pode adicionar aura a objetos materiais, porque já me deparei anteriormente com a opinião de que existe algum tipo de oposição entre o mundo virtual e o material, na qual o último permite que o público sinta aura, enquanto o primeiro não. Eu acho que é importante entender as inovações virtuais pelas quais estamos cada vez mais cercados pelo que são e pelo que nos permitem fazer, e não pelo que não são e pelo que nos impedem de fazer. O mundo sempre foi virtual até certo ponto e, em partes, é um produto (e, de fato, um resultado) de nossas mentes e da imaginação. Tal pensamento se torna muito natural para os nativos digitais que estão crescendo agora, e existem muitas oportunidades nisso.

**Pergunta:** os latino-americanos vivem sob algumas condições comuns, como as relacionadas a uma relação complexa com o passado. No passado, nativos, colonizadores, africanos escravizados, imigrantes, pessoas perseguidas, todos viviam em situações mistas. Existem, portanto, várias maneiras de lidar com essa situação mista e contraditória. A cultura é sempre uma mistura de nativos, europeus, africanos e muito mais: árabes, judeus, asiáticos e assim por diante. Do ponto de vista europeu, como você pensa sobre o passado, o presente e o futuro na América Latina? A América Latina costuma usar termos como transculturação, assim como Fernando Ortiz, para essas características mistas. Seus pensamentos podem contribuir ou compreender o passado, o presente e o futuro da América Latina.

**Resposta:** Eu não tenho conhecimento especializado sobre a América Latina. Em termos gerais, muitas vezes penso que uma herança cultural, de alguma forma, celebrando culturas distintas relacionadas a histórias étnicas e descendências compartilhadas, frequentemente associadas a um determinado território, tem criado mais desafios do que

ajudado a resolvê-los. Como você diz, a cultura é sempre uma mistura de várias influências. O que é particularmente importante para o bem-estar humano em sociedades complexas é a coesão social e uma confiança compartilhada em instituições comuns. Isso é melhor apoiado ressaltando o que as pessoas têm em comum e enfatizando o que as une e não o que as separa. Estou convencido de que o patrimônio cultural que se afasta da noção de diversidade cultural seria particularmente benéfico em muitas regiões do mundo. O patrimônio cultural também pode se concentrar em histórias sobre indivíduos e suas famílias ou comunidades, e não em um determinado povo; no hibridismo e nos processos transculturais (como você mencionou), ao invés de na pureza e na história de culturas únicas; em práticas de engajamento com o patrimônio, mais do que em entender o que o patrimônio representa; em mais humor e ironia do que em mais seriedade e conflitos dolorosos; e, pelo menos, em futuros compartilhados, ao invés de em passados divididos (ver também HOLTORF, 2017)

### **Holtorf and Heritage futures**

Born on January 24, 1968, archaeologist Cornelius Holtorf specializes in prehistoric archeology, social anthropology and physical anthropology, having worked in research and teaching at the University of Gothenburg (1998-9), at the University of Cambridge (1999-2002), at the Swedish National Heritage Council in Stockholm (2002-4) and at Lund University (2005-8). Since 2008 he works in Kalmar, Sweden, where he is currently professor of Archeology. In 2017, he was appointed president of the UNESCO chair in Heritage Futures at the University of Linnaeus.

Heritage futures is a four-year research program (2015-2019), implemented by the UK Arts and Humanities Research Council, with support from other universities and institutions, which focuses on four general research themes to discuss the challenges for the future of heritage. Such themes, called uncertainty, transformation, profusion and diversity, seek to address issues such as the management of conservation projects with a view to the distant future, the relationship between values and possible landscape and heritage changes, which people and institutions decide to keep in the context of contemporary mass production and consumption societies, and which categories are used to define biological, cultural, linguistic

and genetic variety and how such scientific fields can learn from each other, with a view to deepening heritage discussions and policies.

On a planet dominated by transdisciplinary problems, such as climate change and mass migration, it is becoming increasingly necessary to encourage the pursuit of common goals and learning in the discussion and search for possible solutions to these global problems. Considering common practices of conservation and preservation of tangible and intangible assets will make it possible, in this sense, to expand and deepen the concept of heritage, seeking more creative and productive ways of experiencing it.

In this sense, Holtorf warns that in the global cultural heritage sector, great emphasis is placed on saving cultural heritage from destruction. However, the author believes that we must expand this perspective and create a better understanding of the heritage role in various circumstances. It is necessary to ask why these historical objects should be preserved for the future and what social challenges such heritage can help people of the future to solve.

Deepening this questioning, Holtorf challenges us to relativize the conception that heritage would be an asset in constant risk of extinction, against which, we specialists should fight. In this sense, he points out that, since the 19th century, alongside the growing fetishization of innovation, Western society has become obsessed with preserving the past and its materialities. To qualify this obsession with preservation, Holtorf uses the expression “Noah’s complex” (CHOAY, 2001), from which it is possible to criticize the expansion of the heritage corpus to be preserved, based on the globalization of Western values, of which Unesco’s power is representative. In this sense, the so-called “Noah complex” alerts us to the idea that examples of the tangible and intangible culture of all human cultures should be preserved, and to the legal, scientific and economic consequences that the development of a world heritage industry has caused to the heritage itself: dehumanization and demobilization, more than engagement and cultural valorization.

In opposition to this idea, Holtorf proposes discussions that can admit the constant human transformation of the world and the transformation process that inevitably continues to affect the entire cultural and natural heritage of the planet. Accepting and registering this transformation should be the first step in thinking about the future of heritage. Heritage must then be seen as a process and not as a finished legacy. Thus, the question should be less how much heritage of each context will or will not survive for the future, but what legacies we build



and leave for future generations, and how they can best benefit them. In this sense, it is necessary to think about how the heritage preservation paradigm, and its underlying concept of risk, can constitute a negative legacy, since it does not consider that the updating of the heritage acts in line with historical and cultural changes, which constitute vital element of our own humanity.

But that does not mean that thinking about heritage in a future perspective should imply a high degree of speculation. Thinking about demographic, technological, economic, social and environmental developments for the coming decades, and thinking about action strategies for different possible scenarios, can be important for us to be better prepared to deal with patrimonial challenges in the coming years.

Among the issues that must be taken into account in these reflections, is the fact that heritage conservation is one of the many ways in which the past is evoked and gained meaning in contemporary societies. Thus, thinking about the future of heritage implies thinking about the potential of these other instruments of memorial activation, alongside conservation or restoration of cultural heritage.

It is also necessary to admit that, sometimes, destroyed or ruined heritage can have a great discursive force for society and, therefore, not all ruined heritage should be restored. At the same time, the reconstruction, or the reinvention of certain heritage objects, can also bring important benefits to society, in some circumstances. Paradigmatic cases, such as that of the Bamiyan Buddhas, or the most recent destruction of heritage sites in Syria, serve as important elements for thinking about such issues. About these challenges Holtorf defiantly suggests that Unesco's role should be less to discuss what people can do to win World Heritage titles and more on how UNESCO itself can act critically to support heritage development based on local specificities.

Regarding these issues, Holtorf provokes us, from the interview below, to engage with the future of heritage and to rethink many of the paradigms that have formed the basis for the present heritage policies. We hope that this reflection can serve as an inspiration for Brazilian and Latin American researchers to lay new foundations for the management of our heritage legacies, with a view to their better management in the years to come.

## Interview

**Question:** Since In 2017, you were appointed to a UNESCO Chair on Heritage Futures at Linnaeus University. You have been studying the relationship of past, present and future, in an apparently counterintuitive way. Historians, archaeologists and heritage scholars deal with time subjective meaning. An issue raised often in the past, as attests Augustine in Genesis and in Book XI of The Confessions, exploring the nature of time. Augustine writes, “What then is time? If no one asks me, I know; if I want to explain it to a questioner, I do not know”. Time is thus a most difficult subject in general, a particularly of those dealing with heritage. As someone studying the subject, what are your thoughts about the subject?

**Answer:** The UNESCO Chair on Heritage Futures is not really about time and temporality as such and more about fairly pragmatic questions. We are asking how archaeologists and heritage managements work in the present and contribute to future-making while anticipating what is going to happen in the future. Heritage futures are about the role of heritage in managing the relations between present and future societies, e.g. through anticipation and planning. We are asking questions such as

- Which future generations do archaeologists and heritage professionals actually work for?
- How do we perceive of that future? Which heritage will benefit people then (and why)?
- How can we build capacity in future thinking (futures literacy) among heritage professionals worldwide?

**Question:** Heritage, memory, past, all those subjects refer to what happened in history, to quote Gordon Childe and his classic masterpiece. Archaeologists trained to find out the past face the challenge of narrating an imagined past. How this new situation challenges archaeology undergraduate and graduate courses?

**Answer:** The past is gone and our accounts of the past, that is our histories, are always a product of the imagination. That does not mean though that the past we imagine was not linked to empirical evidence or that it wouldn't have real consequences in the contemporary world. It is very important to teach our students at all levels not only scientific methods and approaches but also skills in creative thinking, communication, politics and ethics.

**Question:** Humans often take objects as fetish. Karl Marx mentioned this in the 19th c., and in recent decades, this process reached new spheres. The virtual world may contribute to the added aura (pace Walter Benjamin) of real material objects. How may archaeologists and heritage managers deal with this?

**Answer:** It is interesting that you say that the virtual world can add aura to material objects, because I have previously come across the view that there is some kind of opposition between the virtual and material world, where the latter allows audiences to sense aura whereas the former does not. I think it is important to understand the virtual innovations we are increasingly surrounded by for what they are and for what they allow us to do rather than for what they are not and what they prevent us from doing. The world has always been virtual to some extent and is in parts a product (and indeed outcome) of our minds and the imagination. Such thinking comes very natural to the digital natives now growing up, and there lie many opportunities in this.

**Question:** Latin American live under some common conditions, such as those relating to a complex relation to the past. In the past, natives, colonizers, enslaved Africans, immigrants, persecuted people, all lived in mixed situations. There are thus several ways of dealing with this mixed, contradictory, situation. Culture is always a mix of Native, European, African and much more: Arab, Jewish, East Asian, and so on. From a vantage European viewpoint, what are your thoughts about past, present and future in Latin America? Latin American often use terms as transculturation, as did Fernando Ortiz, to these mixed features. Your thoughts may contribute for or own understanding of past, present and future in Latin America.

**Answer:** I don't have expert knowledge about Latin America. In general terms, I often think that a cultural heritage in some way celebrating distinct cultures related to ethnic histories and shared descent, often associated with a given territory, is creating more challenges than it helps solving. As you say, culture is always a mix of various influences. What is particular important for human well-being in complex societies is social cohesion and a shared trust in common institutions. That is best supported by enhancing what people have in common and emphasising what unites them rather than what separates them. I am convinced that cultural heritage that leaves the notion of cultural diversity behind it would be particularly beneficial in

many world regions. Cultural heritage may just as well focus on stories about individuals and their families or communities rather than on a particular people; on hybridity and transcultural processes (as you mention) rather than on purity and the history of single cultures; on practices of engaging with heritage rather than understanding what the heritage represents; on more humour and irony rather than ever more seriousness and hurtful conflicts; and not the least on shared futures rather than divided pasts (see also HOLTORF, 2017)

## **Referências**

HOLTORF, C. "What's Wrong with Cultural Diversity in World Archaeology?". *Claroscuro: Revista del centro de estudios sobre diversidad cultural*, n 16: 1–14. 2017.

CHOAY, Françoise. **The Invention of the Historic Monument**. Translated by Lauren M. O'Connell, Cambridge University Press, Cambridge. Originally published in French 1992, Editions du Seuil, Paris, 2001.